
O ALÇAMENTO E ABAIXAMENTO VOCÁLICOS NO DIALETO DA REGIÃO
DO GERAIS DE BALSAS*

MARIA CÉLIA DIAS DE CASTRO**

MARIA SUELÍ DE AGUIAR***

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo apresentar a análise preliminar dos aspectos fonético-fonológicos de alçamento e abaixamento das vogais pretônicas com o intuito de depreender algumas peculiaridades na superfície da língua, presentes na fala, e, a partir desses indícios, tentar compreender a constituição do sistema vocálico de falantes na faixa etária de sessenta anos acima, naturais da zona rural de Balsas, no Sul do Maranhão. A partir das interações sociais proporcionadas em contexto de conversas informais, foram efetuadas as entrevistas em cujos eventos de fala procuraremos identificar algumas formas de construção lingüística próprias do dialeto local.

PALAVRAS-CHAVE: fenômenos vocálicos, processos vocálicos, sistema vocálico.

INTRODUÇÃO

O homem é naturalmente um ser comunicativo e, para isto, utiliza-se da linguagem como meio para estabelecer essa comunicação. É através da comunicação que ele passa todo um conjunto de saberes – a cultura – próprios e da sua comunidade, do seu tempo, de geração para geração,

* Este trabalho é parte da Dissertação *As vogais no dialeto do sertanejo da região de Balsas-MA*, e foi apresentado no VIII Colóquio de Pesquisa e Extensão da Universidade federal de Goiás – UFG, em 1/3/2007, Grupo de Estudos em Lingüística Histórica, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Suelí de Aguiar.

** Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística – Área de Estudos Lingüísticos – da Universidade Federal de Goiás, Goiânia-GO.
E-mail: celialeitecastro@hotmail.com.

***Professora da área de Lingüística, do Programa de Pós-Graduação em Letras e Lingüística, da Faculdade de Letras – UFG.
E-mail: aguiar@letras.ufg.br

para o que ele se utiliza dos vários signos comunicativos. A língua é utilizada para a transmissão das concepções políticas e sócio-culturais. É um desses sistemas compostos de signos que servem de maneira peculiar ao ser humano. Dela ele faz uso e a modifica, conforme as necessidades de adequação de contexto.

Essas modificações, conforme postulou Saussure (1995), são de caráter diacrônico, ocorridas ao longo do tempo, e de caráter sincrônico, mudanças que ocorrem no sistema da língua, sem levar em conta a passagem do tempo. Coseriu (1988) afirma que o equilíbrio da língua não é estável, mas precário, e que o investigador pode adotar tanto o ponto de vista sincrônico quanto o diacrônico, e continua dizendo: “Uma língua, no sentido corrente do termo (língua espanhola, língua francesa etc.) é por sua natureza um objeto histórico” (p. 20). Depois, acrescenta:

Com efeito, assim como na sincronia não podemos comprovar a mudança, tampouco podemos comprovar nela a não-mudança, a imutabilidade. Para comprovar que um objeto qualquer não sofre modificação, deve-se observá-lo em dois momentos distintos, por conseguinte, ainda quando a língua fosse por sua natureza sincrônica, isto deveria ser comprovado pela diacronia. (p. 25)¹

O estudo das circunstâncias em que determinada língua se desenvolve leva-nos a perceber como essas mudanças são motivadas, levando-se em conta desde o nível das pessoas que falam, as circunstâncias em que se encontram ao falar, até a localização geolinguística em que essas se encontram, o que acarreta as chamadas *variedades dialetais*. Outro fator que determina essa diferenciação dentro da língua é a modalidade de uso da mesma, se oral ou escrita. No caso da modalidade oral, devem-se levar em conta todas essas possibilidades de variação, o que tem feito suscitar grande interesse por essa modalidade, quer seja para a pesquisa sociolinguística, quer para outros tipos de pesquisas, como a pesquisa histórico-comparativa.

O presente artigo pretende iniciar os trabalhos de análise dessa variante, a partir de um recorte mais precisamente sincrônico, tentando, inicialmente, detectar os fenômenos presentes na língua do sertanejo da região Sul do Maranhão, especificamente da região de Balsas, numa análise preliminar das vogais pretônicas, para que esta possa ser utilizada na seqüência das pesquisas, em que será feita uma análise comparativa desses fenômenos com os registros dos manuais de lingüística histórica.

Iniciamos a análise dos dados, na segunda parte, tentando descrever alguns aspectos a partir do léxico presente em seis discursos analisados desses sertanejos, para tentar depreender os fenômenos que ocorrem a partir de um quadro vocálico desse sistema. Na terceira parte refletimos acerca dos fenômenos então depreendidos. Na quarta parte, ao tecer as considerações gerais, apresentamos algumas crenças acerca dos fenômenos analisados.

ANÁLISE PRELIMINAR DOS DADOS

Inicialmente faremos uma abordagem acerca do sistema vocálico do português do Brasil, em posição tônica, pretônica e pós-tônica, e ao mesmo tempo uma comparação desses quadros com os quadros prospectivos da variante em estudo.

Quadro Vocálico

A partir desta análise propomos, num primeiro momento, para o registro informal do dialeto sertanejo, a classificação dos fonemas vocálicos, retomando, dentre os dois modelos apresentados por Trubetzkoy (CÂMARA JR., 1977), o “modelo triangular”, que considera a vogal /a/ como um único fonema, em vez do “modelo quadrangular”, que considera o /â/ “abafado”, mais posterior e precedente das nasais, uma outra unidade opositiva. A exemplo de Câmara Jr., até o momento deste

estudo, optamos por considerar o /â/ como uma variante posicional, isto é, um alofone. Também aqui não incluímos o estudo das vogais nasais, posto que estas merecem uma análise à parte, mais aprofundada.

Câmara Jr., ao apresentar o *sistema de vogais*, além do quadro geral das vogais presentes no alfabeto, percebe como fonemas distintos o /e/ e /ɛ/, o /o/ e /ɔ/ em oposição que ele classifica como nítidas e funcionais na língua portuguesa, o que gera um sistema de sete vogais. Desse quadro ele ressalta a presença da função *assilábica* de /i/ e /u/, assim chamadas por serem auxiliares no jogo fonêmico que constitui o ditongo. Essa função, exercida em posição pré-vocálica, é classificada como um som em um momento de transição, que pode não ter exatamente uma função opositiva, mas transitória no processo de articulação dos órgãos do aparelho fonador. São, pois, os chamados *glides*, que se diferenciam acusticamente das vogais silábicas. Entretanto, dependendo do tratamento dado pela língua, podem também ser fonemicamente distintivos, conforme explica esse autor, o que consagraria o contraste entre silábicas e assilábicas.

Dessa forma, haverá o enriquecimento do quadro vocálico do português, com as assilábicas sendo adjungidas a este, gerando um quadro de nove fonemas vocálicos.

Para fazer a classificação distintiva desses fonemas, são considerados o ponto de articulação (anterior, central, posterior), o traço de arredondamento labial (arredondadas, não-arredondadas) e o abrimento bucal (altas, médias altas, médias baixas e baixas). A estruturação desse quadro segue a classificação para “anteriores” das vogais com um avanço da parte anterior da língua, o que proporciona a sua gradual elevação; para “posteriores”, daquelas em que há um recuo da parte posterior da língua e a sua elevação gradual; e, para “central”, das vogais em que não há avanço nem elevação da língua. Outra classificação trata da postura dos lábios, classificando como arredondadas as vogais de articulação posterior, com o arredondamento dos lábios, e não arredondadas, as de articulação na parte frontal da boca, sem arredondamento

dos lábios. A elevação da língua resulta em uma classificação como “baixa”, “média” e “alta”.

Quanto à tonicidade das vogais, Tarallo (1990, p. 99) retorna às sete vogais tônicas, às cinco pretônicas e às três átonas finais do latim vulgar para apresentar o sistema vocálico do português moderno, afirmando a perda da quantidade das vogais tônicas do latim vulgar, o que teria acarretado a intensificação do acento e, conseqüentemente, seu maior grau de preservação, conforme transcrevemos abaixo:

/a/ = /a/ *pratum*>*prado* (com *a* longo no latim clássico)
mare>*mar* (com *a* breve no latim clássico)
 /e/ aberto = /e/ aberto: *terra*>*terra*
 /e/ fechado = /e/ fechado: *acetu*>*azedo*
 /i/ = /i/: *ficu*>*figo*
 /o/ aberto = /o/ aberto: *rota*>*roda*
 /o/ fechado = /o/ fechado: *amore*>*amor*
 /u/ = /u/: *virtute*>*virtude*

A partir do quadro apresentado por Tarallo, verifica-se que há uma correspondência entre as vogais tônicas do latim vulgar e as vogais tônicas do atual português, conforme a representação do quadro triangular abaixo, apresentado por Câmara Jr. (2005, p. 43-44):

Quadro das vogais tônicas do português do Brasil

Altas	/i/			/u/
	Médias	/e/		/o/
	Altas			
		Médias	/ɛ/	/ɔ/
		Baixas		
			Baixa	/a/

Esse mesmo quadro é verificado a partir do levantamento do léxico que será apresentado a seguir, em que as vogais que apresentam a tonicidade máxima são /i/, [al¹grɨə] alegria; /e/ [bɪ¹zɛxə] Bezerra; /ɛ/ [ʒɔ¹zɛ] José; /a/ [ɪpɾɐzɛ¹radə] emprazerada; /ɔ/ [ˈɔlɪu] óleo; /o/

[pude¹rozũ] poderoso; e /u/ [qu¹tumɪ] costume, conforme reproduzimos abaixo:

Quadro das vogais tônicas no dialeto sertanejo do Sul do Maranhão

Altas	/i/	/u/
Médias	/e/	/o/
Altas		
Médias	/ɛ/	/ɔ/
Baixas		
Baixa	/a/	

As vogais átonas se classificam de acordo com a posição em que se encontram em relação à sílaba tônica: se antes da sílaba tônica, ela é pretônica; se depois, é postônica. São estes dois tipos de vogais os mais suscetíveis de sofrerem alterações.

Coutinho (1976, p. 102-103) afirma que as vogais átonas de sílaba inicial são as mais resistentes, principalmente quando se encontram apoiadas por uma consoante.

Williams (apud TARALLO, 1990, p. 101-102) sintetiza o quadro das vogais pretônicas do atual português, a partir de uma perspectiva diacrônica, conforme transcrevemos abaixo:

Latim clássico	Latim vulgar	Português
/a/ longo e breve	a pretônico	a [ɐ]
/e/ longo; /i/ breve;		
/œ/; /e/ breve; /æ/	/e/ fechado	e [ɔ]
/i/ longo	i pretônico	i
/o/ longo e breve		
/u/ breve	/o/ fechado	o [u]
/u/ longo	u pretônico	u

Pelo quadro apresentado acima, verifica-se a concordância quanto à classificação das vogais pretônicas, conforme já o apresentara Câmara Jr. (1977) para o português do Brasil. Este autor lembra que além da *neutralização*² que ocorre entre as médias pretônicas, ocorre também o

processo de *harmonização vocálica*, que será mais detalhadamente estudado a seguir.

Apresentamos abaixo o quadro das pretônicas apresentado por Câmara Jr. (1977):

Quadro das vogais pretônicas do português do Brasil

Altas	/i/		/u/
Médias	/e/	/o/	
Baixa	/a/		

Conforme é possível perceber, é incomum, e já o afirmavam Callou e Leite (2001) e Ferreira Neto (2001), a presença das médias baixas /ɛ/ e /ɔ/ na composição do quadro das pretônicas do português falado na maior parte do Brasil, que é reduzido para apenas cinco vogais, em que não estão incluídas as abertas /ɛ/ e /ɔ/. Todavia, esses fonemas são bastante produtivos na região Nordeste, e o /o/ pretônico é representado pelo fonema zero, posto não termos identificado nenhuma ocorrência do mesmo, o que ilustramos com exemplos do dialeto pesquisado: /i/ [kəbɪ'serə] cabeceira; /e/ [pude'rozɯ] poderoso; /ɛ/ [ɪzpe'rãse] esperança; /a/ [pəɾɪ'sidɯ] parecido; /ɔ/ [dɛspɔ'zarɔə] Desposária; /o/[∅].

Até o presente momento, não identificamos a vogal pretônica média alta arredondada /o/ no léxico do dialeto sertanejo do Sul do Maranhão.

Quadro das vogais pretônicas no dialeto sertanejo do Sul do Maranhão

Altas	/i/		/u/
Médias	/e/		/ø/
Altas			
Médias	/ɛ/		/ɔ/
Baixas			
Baixa		/a/	

Coutinho (1976, p. 106-107) apresenta as postônicas no fim ou no interior das palavras latinas, cuja classificação se define respectivamente como postônicas finais ou não finais (internas). Essas postônicas, desde o latim clássico ao vulgar, já eram as mais suscetíveis a alterações e a quedas.

Williams (apud TARALLO, 1990, p. 102) expõe, da seguinte forma, o quadro das postônicas:

Latim clássico	Latim vulgar	Português
/a/ longo e breve	a postônico	a [ɐ]
/e/ longo e breve;		
/i/ breve; /æ/;	/e/ fechado	e
/i/ longo	/i/ postônico	e
/o/ longo e breve;		
/u/ longo e breve	/o/ fechado	o [u]

Câmara Jr. (2005, p. 44) apresenta dois quadros das vogais postônicas do português do Brasil. No primeiro, ele apresenta as vogais postônicas dos proparoxítonos, em que a oposição entre /o/ e /u/ se neutraliza, ou seja, perdem o contraste em posição átona, para o que cita exemplos como *pérola* e *estrídulo* rimando respectivamente com *cérula* e *ídolo*. Este quadro é representado da seguinte forma:

Quadro das vogais postônicas não finais do português do Brasil

Altas	/u/	/i/
Média	/ø/	/e/
Baixa	/a/	

Para o segundo quadro das vogais postônicas, o das átonas finais, este autor afirma a neutralização entre /o/ e /u/ e entre /e/ e /i/, exemplificando com rimas presentes na poesia de Olavo Bilac, como *Argos* rimando com *largos*; *Vênus*, com *serenos*.

Quadro das vogais postônicas finais do português do Brasil

Altas	/u/	/i/
Baixa	/a/	

O quadro das postônicas finais, segundo o autor, sofreu a neutralização entre as médias e altas, o que fez com que ele se reduzisse a apenas três vogais finais, o que é muito comum na fala espontânea, em quase todo o território brasileiro.

Após discorrermos, para um maior embasamento, sobre o quadro vocálico do português, a partir dos estudos dos teóricos acima apresentados, fazemos a análise fonológica de apenas dois fenômenos, o de alçamento e o de abaixamento das vogais pretônicas presentes no dialeto foco deste estudo, considerando o envolvimento dos processos de harmonização vocálica e de assimilação vocálica, como também uma delimitação do contexto lingüístico que envolverá a análise.

*Processos envolvidos:*³

Harmonização vocálica (BISOL, 1992), processo pelo qual as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ assimilam o traço de altura das vogais altas /i/ e /u/, a partir do qual fica explícita a harmonização vocálica. Para Crowley (2003, p. 53), é a assimilação de uma ou mais características de uma vogal para outra ou até para outras vogais na mesma palavra.

Assimilação vocálica: Para Bisol (1992) é o processo através do qual um segmento assume um ou mais traços de um segmento vizinho. Crowley (2003) diz que é quando um som causa uma mudança em outro som, de tal forma que os dois sons se tornem mais similares um ao outro.

Tipos de ambientes: para proceder à análise dos fenômenos de alçamento e abaixamento, consideramos alguns fatores como delimitadores do campo de estudo da vogal em que ocorre o processo, conforme sugere Crowley (2003, p. 64) acerca da mudança de som, ao que

seguimos com algumas adaptações, como a inclusão da classe de nomes, a saber:

- i. Classes de nomes: substantivos e adjetivos;
- ii. Contexto vocálico: tipo de vogal em análise e da vogal imediatamente seguinte à vogal em análise;
- iii. Consoantes adjacentes: agrupadas de acordo com seus respectivos pontos de articulação: bilabial, labiodental, alveolar, alveopalatal, palatal, velar e glotal;
- iv. Nasalidade: *onset* da sílaba seguinte à vogal pretônica, *onset* na mesma sílaba ou coda da mesma sílaba em que ocorre a vogal pretônica;
- v. Tipo de sílaba: sílaba aberta (CV) ou fechada (travada por consoante – CVC).

Os fenômenos

a) Alçamento vocálico

Crowley (2003): processo em que há a assimilação de uma ou mais características de uma vogal para outra vogal na mesma palavra.

Bisol (1992): as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ desencadeiam um mecanismo de assimilação do traço de altura das vogais /i/ e /u/, respectivamente, a fim de que se estabeleça uma “harmonia” entre os traços da vogais.

• Alçamento de /e/ > /i/ e de /ẽ/ > /ĩ/ - Há alteração da altura da vogal átona pretônica, principalmente quando precedida das alveolares na classe dos substantivos.

Da classe de substantivos:

[kəbɪ'serə]	cabeceira	[dʊ'mĩŋu]	domingo
[sɪ'jĩtʃɪ]	seguinte	[sĩ'vɾə]	senhora
[ʒɪ'cuhsʊ]	recurso	[vɛɪ'grɪə]	alegria
[ĩ'zẽy]	engenho	[sɪŋũdʲfɛrə]	segunda-feira
[ĩ'jadə]	enxada	[dʒɪs'kẽsʊ]	descanso

Da classe dos adjetivos, identificamos os abaixo assinalados, que se enquadram nessa categoria e nas quais, novamente, as alveolares se sobrepõem às demais, em posição de consoantes tanto precedentes quanto seguintes:

[pɪrɪ'gozʊ]	perigoso	[ɪprɛzɛ'radə]	emprazerada
[ɐtʃɪ'dʒidə]	atendida	[sɪ'gʊrʊ]	seguro
[ɪkɔ̃'nadə]	encanada	[pɛrɪ'sidʊ]	parecido
[lɪ'ʒɪtʃɪmʊ]	legítimo	[ɔfɪ'dʒidə]	ofendida

No quadro geral dos nomes substantivos e adjetivos, as alveolares lideraram a posição de consoantes seguintes à realização do fenômeno de alçamento com os fonemas acima. Em seguida vêm as bilabiais como as segundas mais produtivas na seqüência das consoantes precedentes à vogal alçada. Para as consoantes em posição de coda ou *onset* que seguem a pretônica, ou seja, em condição de consoantes seguintes à pretônica, as mais produtivas no alçamento das anteriores foram novamente as alveolares, seguidas das velares.

- Alçamento de /o/ > /u/ e de /õ/ > /ũ/ - Ocorre o alçamento da pretônica inicial ou medial /o/ > /u/ e de /õ/ > /ũ/, precedida principalmente das velares, das bilabiais e das alveolares, na classe dos substantivos.

Da classe dos substantivos temos os seguintes exemplos:

[tʊ'ayə]	toalha	[χʊ'drɪjɪz]	Rodrigues
[qʊ'midə]	comida	[ɛpʊkə]	época
[zʊɐ'dõnə]	zoadona	[ʒʊ'zɛ]	José
[qɔrɔʊ'zɪ]	coregozinho	[ɐpuzɛtɐ'sõw]	aposentação
[ɐpʊ'zɛtʊ]	aposentadoria	[bʊ'kadʊ]	bocado
[qʊ'ʃtʊmɪ]	costume	[du'mɪgə]	Domingas
[qʊ'vɛɸsə]	conversa	[qʊ'zɪə]	cozinha

Da classe dos adjetivos, as velares, juntamente com as bilabiais, lideraram a posição de consoante precedente à vogal elevada, enquanto na posição de consoantes seguintes lideraram novamente as alveolares, seguidas das alveopalatais, conforme os exemplos abaixo relacionados:

[a <u>qu</u>]tu'madə]	acostumada	[qũĩ'sidə]	conhecida
[s <u>u</u> 'frid <u>u</u>]	sofrido	[d <u>u</u> 'č̃tʃi]	doente
[p <u>u</u> d <u>e</u> 'roz <u>u</u>]	poteroso	[b <u>u</u> 'nita]	bonita
[qũ'pr <u>e</u> t <u>u</u>]	completo	[puzč̃'tadə]	aposentada

No quadro geral, em posição de *onset* precedentes às vogais arredondadas alçadas, as velares são as mais produtivas, seguidas das bilabiais. Cremos que a localização da realização dos sons velares e a postura labial das bilabiais favorecem a elevação bastante produtiva da vogal alta arredondada. Em posição de consoantes seguintes, novamente as alveolares vêm liderando. Se a coda ou *onset* é uma nasal, ocorre o espriamento do traço de nasalidade para a vogal alçada como nos vocábulos [qũpɛ'tah] *completar*, [qũ'vɛhsə] *conversa*.

Contexto lingüístico: consideramos, na análise dos fenômenos de alçamento, alguns fatores como delimitadores do campo de estudo da vogal em que ocorre o processo, a saber:

i. Classes de nomes: substantivos e adjetivos. Ex.:

[kɛbɪ'serə] cabeceira [pɪrɪ'gozu] perigoso

ii. Contexto vocálico: tipo de vogal imediatamente seguinte à vogal em análise, tipo da vogal tônica e a posição da vogal pretônica em relação à vogal alta.

Vogais seguintes à do alçamento:

Vogal tônica alta: [du'mĩgu] domingo

Vogal tônica média alta: [kɛbɪ'serə] cabeceira

Vogal tônica média baixa: [sĩ'orə] senhora

Vogal tônica baixa: [ĩ'ʃadə] enxada

Vogal átona alta: [ɪzpuzi'sõw] exposição

Vogal átona média alta: sem ocorrência verificada

Vogal átona média baixa: [ɪzpe'rõsə] esperança

Vogal átona baixa: [ĩprɛze'radə] emprazerada

Tipo da vogal tônica nos casos de alçamento:

Vogal alta: [alɪ'grĩə] alegria

Vogal média alta: [kəbɪ'serə] cabeceira

Vogal média baixa: [sɪ'orə] senhora

Vogal baixa: [bõdʒɪ'daʒɪ] bandidagem

A posição da vogal pretônica alçada em relação à vogal alta dá-se das seguintes formas:

Vogal alçada situada na sílaba imediatamente anterior à da vogal alta. Ex.: [ɪs'pĩə] espinha

Vogal alçada situada duas sílabas antes em relação à vogal alta. Ex.: [dʒɪs'kõsʊ] descanso

iii. Consoantes adjacentes

Consoantes precedentes à vogal pretônica alçada:

Bilabiais [p, b]

Labiodentais [f, v]

Alveolares [t, d, s, z, l]

Alveopalatais [ʒ, ʃ]

Palatais [ɲ, ʎ]

Velares [k, g, x]

Glotal [h]

Consoantes seguintes à vogal alçada:

Bilabiais [p, m]

Labiodentais [f, v]

Alveolares [s, z, l, r, n, d]

Alveopalatais [ʒ, ʃ, dʒ]

Palatais [ø]

Velares [q, g]

Glotal [h]

b) Abaixamento vocálico

Câmara Jr. (1977) propõe que o fechamento de [ɛ] e [ɔ] deve-se à perda de tonicidade por derivação vocabular ou próclise sintática, o que exemplifica com a perda de tonicidade da expressão “ó Pedro!” para uma subtonicidade /ope'dru/. Daí poder-se-ia depreender uma transposição de tonicidade para as vogais que recebessem abertura de timbre.

Callou e Leite (2001) afirmam que essas ocorrências foram registradas em casos que não podem ser explicados pelo processo de derivação de uma raiz que contenha [ɛ] e [ɔ] e dizem ser pouco significativo esse fenômeno, exceto no Nordeste.

Ferreira Neto (2001) afirma que as vogais pretônicas sofrem um processo de harmonização, incluindo a influência da vogal tônica aberta sobre a pretônica no dialeto caipira como em [sɔ'nɔrɔ] sonora. Esse autor confirma que o abaixamento ocorre somente quando a vogal da sílaba tônica tem abertura média baixa, apresentando exemplos como [bɔ'ladɔ] bolada, [xɔ'sadu] roçado.

- Abaixamento de /o/, /u/ > /ɔ/; /e/, /i/ > /ɛ/ - Registramos a alteração – abaixamento – dos timbres fechados para outro mais aberto, contrariando a tendência mais natural que é a de elevação de timbre. Ocorre nas sílabas que têm como *onset* primeiramente uma alveolar, sendo seguida em produtividade pelas bilabiais. Na posição de consoante seguinte, mostraram-se mais produtivas novamente as alveolares e, em seguida, as glotais. É comum a adequação da sílaba de *travada* (CVC) para *livre* (CV) como em [ej] > [e] > [ɛ].

- Quanto à classe dos substantivos, apresentamos os seguintes exemplos com abaixamento de /ei/ > /e/ > /ɛ/, em que as alveolares lideram como consoantes adjacentes precedentes, seguidas das bilabiais. Em posição de consoante adjacente seguinte, lideram novamente as alveolares, seguidas das glotais, conforme abaixo:

[fɛ'zãw]	feijão	[çɛzi]'têsa]	resistência
[bɛhtɔ'za'rga]	Bertozária	[sɛrvɪ'sĩ]	servicinho
[vɛh'têso]	vertença ⁷	[kɛtrɛ'daw]	catedral
[mɛlã'siɔ]	melancia		

- No abaixamento de /o/ > /ɔ/, lideram as bilabiais em posição precedente, e as alveolares, em posição seguinte:

[ɔspɪ'taw]	hospital	[pɔtɔ'zi]	Potosi
[pɔ'brēmɔ]	problema	[bɛhtɔ'za'rga]	Bertozária
[dɛspɔ'zarɔ]	Desposária	[ɐdɛvɔ'gadu]	advogado

Quanto à classe dos adjetivos, nessa pesquisa são as alveolares as mais produtivas, tanto em posição precedente quanto seguinte, cujos exemplos apresentamos abaixo:

[ẽprɔzɛ'radɔ]	emp्राzeirada	[çɛzɛr'vadɔ]	reservada
---------------	---------------	--------------	-----------

• Abaixamento de /ĩ/ > /õ/ - Esta ocorrência aparece em sílaba pretônica precedida de uma bilabial e seguida de uma alveolar, em sílaba CV

[mõnr'sipɣu] **município**

Contexto lingüístico: para proceder à seguinte análise dos fenômenos de abaixamento, consideramos alguns fatores como delimitadores do campo de estudo da vogal em que ocorre o processo, conforme havíamos feito quando do estudo do alçamento, a saber:

- i. Classes de nomes: substantivos e adjetivos. Ex.: [fɛ'zõw] feijão.
- ii. Contexto vocálico: tipo de vogal imediatamente seguinte e anterior à vogal em análise e tipo da vogal tônica.

Vogais seguintes à do abaixamento:

Vogal tônica alta: [mɛlõ'siã] melancia

Vogal tônica média alta: [põ'brẽmã] problema

Vogal tônica média baixa: sem ocorrência verificada

Vogal tônica baixa: [fɛ'zõw] feijão

Vogal átona alta: [õspr'taw] hospital

Vogal átona média alta: sem ocorrência verificada

Vogal átona média baixa: [vɔɛvõ'gadu] advogado

Vogal átona baixa: [dõqu'mẽtu] documento

Tipo de vogal tônica nos casos de abaixamento:

Tônica alta: [Põtõ'zi] Potosi

Tônica média alta: [çɛzi'tẽsa] resistência

Tônica média baixa: sem ocorrência verificada

Tônica baixa: [katɛ'dãw] catedral

A posição da vogal pretônica abaixada em relação à vogal baixa dá-se das seguintes formas:

Vogal abaixada situada na sílaba imediatamente anterior à vogal baixa. Ex.: [fɛ'zõw] feijão, [ẽprẽzɛ'radõ] empraizeirada;

Vogal abaixada situada na segunda sílaba imediatamente anterior em relação à vogal baixa. Ex.: [vɔɛvɔ'gadu] *advogado*, [bɛhtɔ'za'ɾɔa] *Bertozária*;

Vogal abaixada situada na terceira sílaba imediatamente anterior em relação à vogal baixa. Ex.: [çɛzi'těsa] *resistência*.

iii. Consoantes adjacentes

Consoantes precedentes à vogal abaixada:

Bilabiais [p, b, m]	Labiodentais [f, v]
Alveolares [t, d, s, z]	Alveopalatais [θ]
Palatais [ø]	Velares [x]
Glotal [ø]	

Consoantes seguintes à vogal abaixada:

Bilabiais [b]	Labiodentais [v]
Alveolares [t, d, s, z, l, r]	Alveopalatais [ʒ, dʒ]
Palatais [ø]	Velares [g]
Glotal [h]	

Apreciação da análise

Quanto ao contexto vocálico: vocábulos como [mminu] *menino*, [pɪɾi'gozɔ] *perigoso*, [li'ʒitʃimu] *legítimo*, [mu'tʃivu] *motivo* podem ter apresentado o alçamento por influência da vogal alta da sílaba seguinte, geralmente tônica, que foram as ocorrências mais produtivas, com o que retomamos o conceito da harmonização vocálica (BISOL, 1992), em que as vogais médias pretônicas /e/ e /o/ tendem a se assimilar ao traço de altura das vogais /i/ e /u/ da sílaba posterior. Vocábulos como [bu'kadu] *bocado*, [ɪz'pɛsi] *espécie* podem ter apresentado o alçamento por assimilar uma ou mais características de outra vogal na mesma palavra (CROWLEY, 2003). Observou-se, ainda, nessa pesquisa, que esse fenômeno ocorre nesse dialeto, independentemente de ser a sílaba aberta, terminada em vogal, ou fechada, terminada em consoante, como em [dʒɪs'kõsu] *descanso* e [ɪ'tɔɾɪɔ] *estória*.

Vocábulos como [fɛ'zõw] *feijão*, [dɛ'ʃavə] *deixava*, [ɐdɛvɔ'gadɔ] *advogado* podem ter apresentado o abaixamento em virtude das vogais pretônicas sofrerem um processo de harmonização por influência da vogal tônica aberta sobre a pretônica, ou seja, por assimilar essa característica de outra vogal da sílaba seguinte, ou de uma sílaba da mesma palavra (CROWLEY, 2003), como em [pɔ'brẽmɔ] *problema*, fenômeno já registrado por Ferreira Neto (2001) no dialeto caipira, como por exemplo, no vocábulo [sɔ'nɔɔ].

Aparecem vocábulos como [mõn'sipɣu] *município*, [vɔ'lumɪ] *volume* e outros casos em que houve o abaixamento, ao contrário do processo assimilatório, provavelmente para dissimilar sons com o mesmo traço de altura.

Outro dado que aqui assinalamos é a palatalização das alveolares /t/ e /d/ diante da vogal /i/, tornando-se palatoalveolares em todas as ocorrências que surgiram, seja em posição pretônica, tônica ou postônica, como em [ɐtʃɪ'dzidɔ] *atendida* e [sɪ'ʃitʃɪ] *seguinte*.

Pode-se também considerar, nesta pesquisa, conforme sugere Câmara Jr. (1977), a “subtonicidade” nas sílabas que sofreram o abaixamento.

Quanto às consoantes adjacentes, as consoantes que precederam as vogais pretônicas de forma geral mais produtiva para o alçamento de /e/ foram as alveolares, seguidas das bilabiais; para o alçamento de /o/ foram as velares, seguidas das bilabiais. Na posição de consoantes seguintes às pretônicas /e/ e /o/ alçadas, foram novamente as alveolares que se destacaram. É possível que a localização do ponto de articulação das alveolares, com a ponta da língua já situada defronte aos alvéolos, favoreça essa produtividade em posição precedente e, principalmente, em posição seguinte, na ocorrência dos fenômenos de alçamento como também de abaixamento. Quanto à ocorrência do alçamento de /o/ > /u/, a localização posterior das velares foi fundante. Para o abaixamento em /ɛ/, as alveolares superaram as demais, tanto em posição precedente quanto na seguinte. Para o abaixamento em /ɔ/, as bilabiais são as que

mais provocam esse fenômeno em posição precedente, e as alveolares em posição seguinte. Apontamos a possibilidade de que a posição dos lábios, ao produzir as bilabiais, favoreça a recepção da arredondada posterior /u/. O abaixamento atípico de /u/ > /ã/ teve como consoante precedente a bilabial /m/ e como seguinte a alveolar /n/. Seriam necessárias mais pesquisas para tentar perceber se este caso foi influenciado, além do ambiente favorável da bilabial, pela posição intervocálica entre duas nasais, que estimulariam o processo de dissimilação.

Quanto ao tipo de sílaba, a maioria das palavras apresentou sílaba aberta no ambiente da ocorrência (CV) – *perigoso*, *legítimo*, além de sílabas (VC) e (CVC), sendo que estas duas últimas estruturas sofrem bastante o processo de transformação para o tipo padrão de sílaba portuguesa (CV): [p̄.de . vɔ.'ga.dũ] [p̄dɛvɔ'gadũ] advogado.

Quanto aos vocábulos iniciados por *es*, *ex*, *en* e *em*, independentemente da qualificação das consoantes e das sílabas posteriores, em todos os casos o /e/ inicial, seguido de alveolar ou com a nasalidade, sofreu o processo de alçamento: [ikɐ'nẽmu] *encanamos*, [ĩfrɛcɪ'sẽmu] *enfraquecemos*, [ih'mɔlɔ] *esmola*, [ɪscɪ'sí] *esqueci*, [ɪz'pɛsɪ] *espécie*, [ɪʃ'tradɔ] *estrada*, [ɪspɛ'rah] *esperar*, [ɪz'puzɪ'sõw] *exposição*.

Quanto aos processos envolvidos, a *assimilação imediata* ou à *distância* de traço de um determinado fonema a outro causa a *redução da diferença articulatória* em ambos os fonemas, assimilado e assimilador, o que pode explicar a necessidade do alçamento e do abaixamento vocálico em muitos ambientes fonológicos. No entanto, há casos de abaixamento em que o processo de apoio para a ocorrência deste fenômeno é justamente o oposto da assimilação, que é a dissimilação.

A tonicidade máxima da sílaba com a vogal alta e baixa é determinante para ocasionar os respectivos fenômenos, como em [dumĩgu] *domingo*, [ɐʃtɪ'dʒidɔ] *atendida*. No entanto, não é um fator exclusivo, pois vários exemplos ocorreram em que as vogais determinantes do processo encontravam-se em posição átona, como em [ɪz'puzɪ'sõw] *exposição*, [çɛziʃ'tẽsa] *resistência*.

Os processos que interferem nos fenômenos de elevação e abaixamento são praticamente os mesmos, sendo que a dissimilação ocorre com bastante frequência propiciando o fenômeno de abaixamento. O que podemos daí deduzir é que há bastante semelhança no condicionamento que gera um e outro fenômeno.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise dos fenômenos fonético-fonológicos tomando como base a forma-vocabulário para finalmente interpretar a constituição-significação desses fenômenos pode aqui ter sido insuficiente em alguma de suas etapas, ainda porque se valeu apenas de uma pequena quantidade de entrevistas para a análise acima. Em uma primeira análise, propusemo-nos a mostrar como se caracterizam os fenômenos de alçamento e abaixamento das vogais pretônicas nesse dialeto a partir da influência dos processos de harmonização vocálica e de assimilação vocálica na língua realizada.

Explicamos o que significa cada um desses fenômenos e os processos que ajudam a constituí-los, partindo dos pressupostos teóricos de Câmara Jr. (1977, 1998), Bisol (1992), Crowley (2003), Ferreira Neto (2001), Callou e Leite (2001) e outros autores com trabalhos relativos ao assunto em estudo. A partir desses pressupostos procuramos relacioná-los com os exemplos selecionados, observando nas *palavras-foco* de estudo o contexto vocálico em que se situava o fenômeno, as consoantes adjacentes à vogal pretônica, o tipo de sílaba em que ocorria o fenômeno, de um modo específico as sílabas iniciadas em *es*, *en* e *em* e a inter-veniência da assimilação e da harmonização vocálica nos fenômenos de alçamento e abaixamento.

A partir dos fatos estudados, tentamos ainda estabelecer um quadro vocálico que refletisse o quadro das tônicas e pretônicas, baseando-nos no *modelo triangular* de Trubetzkoy, apresentado por Câmara Jr.

Concluímos essa análise parcial afirmando que os processos de alçamento e abaixamento ocorreram, de forma mais produtiva, pela

influência das vogais altas e baixas, respectivamente, em posição tônica seguinte à pretônica. Observamos, no entanto, que houve ocorrências desses mesmos processos sendo influenciados quando as vogais altas e baixas que influenciavam a variante se encontravam também em posição átona. Postulamos, ainda, que há uma semelhança bastante significativa nos processos que geram os dois fenômenos que ocorrem em relação à altura das vogais, o de alçamento e o de abaixamento vocálico. Cremos ser fundante para a identificação desses processos o reconhecimento dos diferentes tipos de ambientes que envolvem a variante, tais como a posição do som na palavra, o tipo de som precedente e seguinte, a posição do acento e o tipo de sílaba em que ocorre a mudança.

Finalizamos, pois, esta análise, lembrando que esta pesquisa constitui-se apenas em parte de um trabalho em desenvolvimento e que muito há ainda que se analisar, dentro de uma perspectiva muito mais ampla: a de descrição e de história respectivamente. Partindo desta perspectiva, apropriamo-nos teoricamente dos princípios lingüístico-filosóficos de Eugênio Coseriu, que considera a dinâmica da língua como energia viva – e nunca como um produto acabado – em que a mudança é essencial e intrínseca à língua, constituindo uma renovação que lhe imprimem seus falantes pela necessidade de expressar e comunicar o *novo*. Esse filósofo da linguagem postula que a língua pertence aos objetos culturais num contínuo fazer-se e desfazer-se, em que há um incessante processo de reajustamento em razão da sua própria efemeridade. Eis, provavelmente, por que muitos afirmam que o latim não é uma língua morta.

THE VOCALIC RAISING AND LOWERING IN THE DIALECT OF THE GERAIS DE BALSAS REGION

ABSTRACT

This paper aims at presenting a preliminary analysis of the phonetic-phonological aspects of the raising and lowering of pre-tonic vowels, in order to perceive some peculiarities on the surface of the language which are present in the speech. Basing on these signs, we try to understand the constitution of the vowel system

of sixty-year-old speakers who were born in the rural zone of Balsas, in the south of Maranhão. The interviews were made informally during social interactions. In the speech events selected from the interviews, we will attempt to identify some forms of linguistic construction common to the local dialect.

KEY WORDS: vowels phenomena, vowels processes, vowels system.

NOTAS

- 1 Tradução nossa.
- 2 Câmara Jr. (1977) considera a neutralização um processo de redução da oposição existente nos fonemas vocálicos do português. Conforme Battisti & Vieira (1999, p. 160), é “a perda de um traço distintivo, reduzindo-se dois fonemas a uma só unidade fonológica. Ex.; caf[ɛ] – caf[e]teira [...]”. Dubois et al. (1973, p. 431) afirmam que “há neutralização fonológica quando, em certas posições da cadeia falada, uma oposição fonológica como em [e] vs. [i] em português [...] não é mais pertinente”.
- 3 Há, num exemplo de abaixamento vocálico, um caso de dissimilação vocálica, que é, conforme Crowley (2003), o processo inverso da assimilação.
- 4 “Vertença”, no vocabulário da falante local, significa diversão.

REFERÊNCIAS

- BATTISTI, E.; VIEIRA, M. J. B. O sistema vocálico do português. In: BISOL, Leda (Org.). *Constituintes prosódicos*. Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro. 2. ed. Porto Alegre: Edipucrs, p. 229-241, 1999b.
- BISOL, Leda. *O acento: duas alternativas de análise*. Porto Alegre: PUCRS, 1992.
- CALLOU, D. e LEITE, Y. *Iniciação à fonética e à fonologia*. 8. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2001.
- CAMARA JR., Joaquim Mattoso. *Para o estudo da fonêmica portuguesa*. Rio de Janeiro: Padrão, 1977.
- _____. *Problemas de lingüística descritiva*. 17. ed. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Estrutura da Língua Portuguesa*. 37. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

- COUTINHO, I. de L. *Gramática histórica*. Rio de Janeiro: Ao Livro Técnico, 1976.
- COSERIU, E. *Sincronía, diacronía e historia: el problema del cambio lingüístico*. 3. ed. Madrid: Editorial Gredos, 1988.
- CROWLEY, T. *An introduction to historical linguistics*. New York: Oxford University Press, 2003.
- DUBOIS, Jean et al. *Dicionário de lingüística*. 14. ed. São Paulo: Cultrix, 2004.
- FERREIRA NETO, W. *Introdução à fonologia da língua portuguesa*. S. Paulo: Hedra, 2001.
- SAUSSURE, Ferdinand de. *Curso de lingüística geral*. São Paulo: Cultrix, 1995.
- TARALLO, Fernando. *Tempos lingüísticos: itinerário histórico da língua portuguesa*. São Paulo: Ática, 1990.